

**A VARIAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA NO ENSINO DO PORTUGUÊS:
ANÁLISE DE ATIVIDADES DE LIVRO DIDÁTICO**

**THE HISTORICAL VARIATION OF THE LANGUAGE IN THE PORTUGUESES
TEACHING: ABALYSIS OF ACTIVITIES ON TEXTBOOKS**

Aurílio Soares da Silva¹
Luiza Helena Oliveira da Silva²

Resumo: Os aspectos de variação linguística são fundamentais para a compreensão da língua enquanto estrutura heterogênea e instável. Por isso, buscamos, neste trabalho, perceber como o entendimento dessa variabilidade linguística, mais especificamente, no contexto histórico, pode ser importante para o ensino de Língua Materna – LM. Para isso, fazemos análise de duas coleções de livros do ensino básico (Fundamental e Médio) para perceber como os autores de tais obras propõem tratar dessa temática. Por fim, apresentamos uma proposta de ensino de língua para o ensino básico que engloba a variação histórica da língua.

Palavras-chave: *diacronia; ensino básico; variação linguística; livro didático.*

Abstract: Aspects of linguistic variation are fundamental for understanding the language as heterogeneous and unstable structure. Therefore, we seek, in this work, see how the understanding of this linguistic variability, more specifically, in the historical context, it may be important to the Mother Language teaching. For this, we examine two collections of the basic education books (elementary school education and secondary school education) to understand how the authors of such works proposes to deal with this theme. Finally, we present a language of teaching proposal for basic education that encompasses the historical change in language.

Keywords: *Diachronic; Basic education; Linguistic variation; Textbook.*

1 Introdução

A linguagem é um fator de fundamental importância para vida humana, pois é somente através dela que se torna possível o processo de comunicação. Sendo, portanto, inerente ao homem e sendo esse um ser instável e fragmentado historicamente, a língua, que o acompanha, torna-se elemento constantemente alterável, na busca de se adequar às novas realidades, ao progresso social e às exigências modernas, como o avanço tecnológico e científico, por exemplo, que permeia a vivência humana na sociedade.

Além disso, a cultura tem sido fator determinante no processo de variação linguística, fortalecido por circunstâncias geográficas/territoriais, em que a língua responde ao modo de vida de uma determinada sociedade, sofrendo alterações que condizem com a realidade vivenciada em

¹ Aluno 6º período do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq nessa mesma instituição. E-mail: auriliosoareshotmail.com.

² Doutora em Estudos da Linguagem, docente do curso de Letras, ProfLetras e do PPGL da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: luiza.to@mail.uft.edu.br.

determinada região. Com o passar do tempo, é certo que tais transformações irão se ampliando cada vez mais. No Brasil, por exemplo, país de uma enorme extensão territorial e entrecruzado por uma grande diversidade cultural, é perceptível a diversidade linguística observada nas populações de suas diferentes regiões. Assim, “Uma das grandes contribuições que os modernos estudos de linguagem vieram assentar é que uma língua histórica não é a realidade unitária e homogênea que imaginaram técnicos de antigas concepções” (PAGLIARO, 2010, p. 329).

Neste sentido, a diacronia, um dos processos de variação linguística recorrente no português, tem determinado grande influência nesse idioma que repercute diretamente no social, causando várias discussões, inclusive éticas, como é o caso do preconceito linguístico. Isso se deve ao fato de que a língua tem sido vista, erroneamente, por muitas pessoas, inclusive professores, como um objeto homogêneo e uniforme, em que não concebem essa diversidade como parte integrante e constituinte do idioma. Por isso, a importância das “reflexões sobre as práticas do ensino da Língua Portuguesa, de modo a proporcionar uma educação de qualidade a todos os segmentos sociais” (AGUERO, 2013, p. 224).

A partir disso, objetivamos neste trabalho fazer algumas considerações a respeito do processo de variação linguística no que se refere às mudanças históricas perceptíveis aos falantes. Para tanto, buscaremos discutir a importância de se entender a língua como um mecanismo historicamente instável e adaptável às circunstâncias sociais em que vive o sujeito. Examinaremos ainda como esse processo de variação linguística se faz ou não presente em livros didáticos do ensino básico, tendo em vista sua importância para o entendimento da língua como um construto social, o que reflete positivamente na quebra do preconceito sobre determinados usos.

Este trabalho foi produzido como atividade final da disciplina História da Língua Portuguesa, no curso de Licenciatura da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* de Araguaína. Em seu projeto pedagógico (TOCANTINS, 2009), seguindo orientações curriculares, há a orientação de que as disciplinas, mesmo teóricas, devam privilegiar aspectos relativos ao ensino, constituindo o que no projeto se denomina *Prática como Componente Curricular*³. As reflexões

3 Segundo o Parecer 28/2001 (MEC), esta é concebida como “uma prática que produz algo no âmbito do ensino”. No projeto pedagógico do curso em questão trata-se de “uma atividade que tem lugar desde o início do curso e se

aqui trazidas tentam responder em parte aos desafios da transposição didática, pensando nas contribuições da disciplina para a formação e atuação do professor de língua materna.

2 Algumas considerações teóricas de variações diacrônicas da língua

Apesar de a Linguística só se constituir como ciência da linguagem bem recentemente, os estudos sobre a língua remontam aos primórdios da Antiguidade Clássica, mais precisamente, ao século IV a. C. (AGUERO, 2013, p. 225). Nesses estudos, um papel de destaque foi inicialmente dado ao aspecto histórico da língua, respondendo ao que se conhece como estudos filológicos. Como se sabe, o interesse desses estudos se concentrava, contudo, apenas na língua escrita, visando primordialmente à interpretação das produções literárias, religiosas ou filosóficas que deveriam ter resguardada a sua inteligibilidade. É apenas com Saussure que a dimensão da sincronia ganhará terreno e se consolidará pela grande parte dos estudos de todo o século XX.

Estabelecendo uma distinção entre abordagens internas e externas, Saussure privilegia o estudo da língua como sistema e, nessa direção, mesmo a variação histórica deve ser pensada nos termos dos neogramáticos, isto é, considerando as leis internas ao sistema linguístico e que respondem pela mudança (COUTINHO, 2004).

No entanto, já em meados desse mesmo século surgem outros teóricos que se esforçam por reintroduzir no escopo da linguística algumas das exclusões saussurianas. É o caso de Jakobson e Benveniste com os estudos enunciativos e ainda com Pêcheux e Bouquet que, fazendo interpretações de Saussure, levantam diversas críticas a essa visão unidimensional da língua, fechada a si mesma (AIUB, 2010).

Com o entendimento de que a língua é uma constituição subjacente ao sujeito social, ocorre uma ruptura da ideologia que a coloca como um construto materializado apenas pela modelagem gramatical. A partir daí, apesar de se manter em ativa o estruturalismo, como o Gerativismo Chomskyano, esse já não é suficiente para explicar a constituição linguística com fenômeno sociocultural. Mais recentemente, com os avanços e popularização dos estudos da enunciação e

estende ao longo de todo o rata-se de processo, em articulação com o Estágio Supervisionado e as atividades acadêmicas” (TOCANTINS, 2009, p. 51).

do discurso, e as múltiplas reflexões advindas dos trabalhos de Bakhtin, os estudos linguísticos ganham novos vieses e novas perspectivas.

Se Saussure (2006) define a diacronia como sucessão de sincronias, Bakhtin/Volochinov (1995) irá rejeitar tanto uma quanto outra definições, uma vez que a condição da linguagem é sua instabilidade, sendo a sincronia mera ilusão:

O sistema sincrônico da língua só existe do ponto de vista da consciência subjetiva do locutor de uma dada comunidade linguística num dado momento da história. Objetivamente, esse sistema não existe em nenhum momento da história. Podemos admitir que no momento em que César escrevia suas obras, a língua latina constituía para ele um sistema imutável e incontestável de normas fixas; mas, para o historiador da língua latina, naquele mesmo momento em que César escrevia, produzia-se um processo contínuo de transformação linguística – mesmo se o historiador não for capaz de registrar essas transformações. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 91).

Mas, no que compete esse (re)compreensão da língua de forma contextualizada para sua evolução histórica? É a partir dessa percepção que se vai conceber que a língua não é um construto engessado pela descrição gramatical – principalmente pela gramática normativa; que a instabilidade linguística é condição de funcionamento da linguagem e essa constatação da língua transladada pelo sujeito histórico acarreta na aceitação da sua variabilidade, heterogeneidade e descontinuidade, possibilitando compreender aquilo que ela é: uma produção social inserida nas dinâmicas do contexto histórico-social vivenciado pelo sujeito. Isso porque, “quando se trata de um objeto cultural: como a língua, ele tem um ‘desenvolvimento histórico’, e, por isso mesmo, as mudanças linguísticas só podem encontrar explicações em termos culturais e funcionais, e não em termos de uma causalidade exterior”. (PAGLIARO, 2010, p. 330)

É nessa perspectiva sociocultural, socioideológica e sociointerativa da língua que é possível entender suas transformações decorrentes de fatores históricos. Essas transfigurações ficam mais perceptíveis – o que não acarreta em sua maior inteligibilidade – quando se compara a mesma língua em diferentes regiões ou em uma mesma região em pessoas de culturas diferentes ou de gerações diferentes. O que queremos dizer com isso é que mesmo aquelas transformações que se denomina de culturais e geográficas se dão, na maior parte, em consequência das variações históricas. Como exemplo, temos a variação de *mulher* (variedade padrão) e *muyé* (não padrão) palavra que deriva do latim *muliere*, como sistematizamos no quadro abaixo:

<i>Latim</i>	<i>Galego</i>	<i>variações no português brasileiro contemporâneo</i>
muliere	Muller	mulher
		muyé

Evanildo Bechara, em referência a historicidade linguística, afirma que as línguas históricas – como é o caso do português – se diferenciam internamente em três aspectos, a saber: *no espaço geográfico, no nível sociocultural e no estilo ou aspecto expressivo*. Assim, afirma ainda que

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias *tradições linguísticas*, de *extensões e limites variáveis*, em *partes análogas* e em *partes divergentes*, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências *fonética, gramaticais e lexicais*, por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas. (BECHARA, 2009, p. 37, grifos nossos).

Neste sentido, o autor enfatiza o fato de que as variações linguísticas, dentro de uma mesma língua, estão relacionadas historicamente, tanto em semelhanças como em divergências, nos níveis *fonéticos, gramaticais e lexicais*.

Contudo, para Cordeiro e Melo (2012), em pesquisa realizada em uma população rural de Pernambuco, na busca de entender o processo de variação linguística dessa comunidade e perceber os reflexos disso na educação, argumentam que essas mudanças se dão em duas categorias, que são: *Palavras do português brasileiro arcaico no contexto urbano e Transgressões linguísticas previstas na estrutura da própria língua*. Essas pesquisadoras reiteram ainda que muitas palavras encontradas hoje na zona rural brasileira, como ocorre com *inté* (variação de *até*) são arcaísmos preservados pelos falantes e que podem ser encontrados seus registros em obras como *Os Lusíadas* (CORDEIRO; MELO, 2012).

Nessa perspectiva, não podemos afirmar, *a priori*, qual palavra – das diferentes variações linguísticas – carrega maior instabilidade em referência ao português arcaico. Isso poderia ser um pretexto para se questionar a hegemonia da variedade considerada *culta*, tendo em vista que a maioria de suas palavras carrega mais alterações que as de outras variações de menor prestígio.

Sendo assim, entre outros motivos, a importância de se conhecer essas mudanças linguísticas que, de uma forma ou de outra, estão relacionadas, direta ou indiretamente, com processo histórico do idioma, se faz em virtude de melhor entendê-las e evitar possíveis preconceitos ou discriminações

contra populações que faz uso de uma variedade linguística que não cumpre com os ideais do padrão normativo. Isso está assentado, inclusive, nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, quando afirmam que um dos objetivos gerais do ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental é “conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico” (BRASIL, 1998, p. 33).

3 Análise de livros didáticos sobre variação diacrônicas da língua

A inclusão da temática sobre variação linguística diacrônica em livro didático nos parece ser uma questão necessária, não somente pelo conhecimento do aspecto da variabilidade, mas, principalmente, pela compreensão da constituição de diversidades dialetais dentro de uma mesma língua. A partir daí, o professor se dispõe a discutir com os alunos sobre tais diferenças, de modo que se reflita criticamente sobre o assunto, tentando desmistificar a essência normativa da língua e enfatizar as suas diversidades.

Neste trabalho, realizamos análises de duas coleções de livros didáticos, uma do Ensino Fundamental e outra do Ensino Médio. Nosso objetivo era perceber como esses livros vêm propondo o ensino de variação linguística, principalmente, no que se refere à variação histórica da língua.

3.1. Coleção do Ensino Fundamental

A coleção de livro didático de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental que analisamos é bem recente, PNLD 2014, 2015 e 2016, intitulada *Para viver juntos*, em que direcionamos nosso foco aos quatro livros destinados ao Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Entretanto, verificamos que apenas os livros de 6º e 9º ano apresentam menção à temática, os demais, de 7º e 8º ano, não fazem referência ao assunto.

Seguindo a ordem das séries, iniciaremos nossa abordagem pelo livro de 6º ano e, em seguida, passaremos ao do 9º ano. No primeiro livro, podemos observar que há uma abordagem razoável

acerca da variedade linguística, dividindo-se em dois aspectos, a saber: *variedades regionais* e *variedades sociais e situacionais*. Como ficou perceptível, o livro não faz menção direta à variação histórica da língua. No entanto, como argumentamos anteriormente, acreditamos que muito dessas variações outras se fazem em vista da histórica.

No que se refere ao primeiro aspecto, *variedades regionais*, o livro (6º ano) inicia a abordagem trazendo a música *Cuitelinho*, a qual é composta por uma variação linguística do dialeto considerado caipira, como se pode observar no recorte abaixo:

❖ Variedades regionais

1. Leia a letra de uma canção folclórica intitulada “Cuitelinho”.

Ceguei na beira do porto
onde as ondas se espaia.
As garça dá meia-volta
e senta na beira da praia.
E o cuitelinho não gosta
que o botão de rosa caia, ai, ai.
Ai quando eu vim
da minha terra
despedi da parentaia.
Eu entrei no Mato Grosso

dei em terras paraguaia.
Lá tinha revolução,
enfrentei fortes bataia, ai, ai.
A tua saudade corta
como aço de navaia.
O coração fica aflito,
bate uma, a outra faia.
E os oio se enche d'água
que até a vista se atrapaia, ai.



Autor anônimo. Cuitelinho. Em: *Música popular do Centro-Oeste/Sudeste 4*. Marcus Pereira, 1974.

Recorte de Costa *et. al.* (2012, p. 60).

Percebe-se aí que os autores tiveram a preocupação de abordar a temática dentro de um gênero (poema/música), emparelhando-se aos ideais dos PCN. Percebe-se ainda que a música faz parte de uma proposta de atividade, encabeçada pela pergunta (1) *Leia a letra de uma canção folclórica intitulada “Cuitelinho”*, e, logo abaixo, propõem as seguintes alternativas:

- a) *Identifique as palavras do texto escritas de um modo diferente do dicionário. Por que você supõe terem sido escritas dessa forma?, e*
- b) *O verso “as garça dá meia-volta” reproduz um modo de falar comum em seu cotidiano? Como você o escreveria em uma redação escolar? (COSTA *et. al.*, 2012, p. 60).⁴*

Fica evidente que o objetivo das questões é fazer com que o aluno reflita sobre a variedade dialetal presente na música, como: *Por que você supõe terem sido escritas dessa forma?*, em a) e

4 Consideramos que o texto poderia ter sido melhor explorado. Inicialmente, do ponto de vista mesmo da interpretação, considerando aí também os efeitos de sentido e estilísticos produzidos pelo registro dessa variante linguística. O professor poderia ainda chamar a atenção do aluno para o processo de *vocalização*, informando que tal processo é recorrente na língua desde o latim. Obviamente, não se trataria de uma preocupação de inserir uma abordagem metalinguística, designando o processo em questão, mas de fazer o aluno observar que há uma “norma” regendo a variante, que a mudança não se dá aleatoriamente e que tal processo é recorrente na língua, tendo sido registrado em diferentes momentos.

O verso “as garça dá meia-volta” reproduz um modo de falar comum em seu cotidiano? Como você o escreveria em uma redação escolar?, em b).

Em seguida, a partir dessas questões reflexivas, os autores esboçam argumentos sobre os processos de variabilidade da língua, tais como “o Brasil apresenta diferentes falares” e “as línguas são dinâmicas e podem mudar em razão de características de seus falantes e da situação de uso”, chegando assim ao conceito de *variedade linguística*, como se observa nos três excertos abaixo:

ANOTE **Varição linguística** é a propriedade das línguas de se modificarem em razão da situação de uso e das características do falante, como faixa etária, região, classe social, entre outras.

Variedades linguísticas são os modos de se falar e escrever uma língua, de acordo com as possibilidades de variação de seus elementos.

ANOTE **Variedade regional** corresponde à fala ou ao modo de dizer dos habitantes de determinada região.

ANOTE A **norma-padrão** é aquela associada à variedade da classe de maior prestígio social, utilizada, geralmente, em textos oficiais, jornalísticos e acadêmicos. Seus usos são registrados nas gramáticas normativas e nos dicionários.

Recorte de Costa *et. al.* (2012, p. 60).

Pode-se destacar nas colocações acima, entre outros aspectos, a não sobreposição de uma variedade à outra, expondo alguns conceitos como “variação em razão de uso”, “modo de dizer dos habitantes de determinada região” e ainda, em referência a norma padrão, enfatiza a questão de seu maior prestígio em relação às demais, sem, contudo, e em nenhum momento, expor uma variedade como sendo melhor que outra.

Acerca do segundo aspecto, *variedades sociais e situacionais*, os autores abordam separadamente as duas variedades: em *variedades sociais*, trazem como exemplo a questão da gíria e segue o mesmo método anterior (*variedades regionais*), propondo uma atividade com um texto (a crônica de Luiz Fernando Veríssimo: *A história, mais ou menos*, em que faz uma versão com dialeto em gírias do nascimento de Jesus e os três reis magos), e em seguida, expõem outro texto, dessa vez, jornalístico (*Lavagem das mãos e infecções nos hospitais*) o qual apresenta uma série de palavras no dialeto médico, levando o aluno a comparar os dois, em vista de perceber suas diferenças linguísticas dialetais e situacionais.

Em *variedades situacionais*, destacamos a tirinha apresentada como meio de se observar uma situação real de uso da língua dentro do dialeto exigido, como se percebe abaixo:

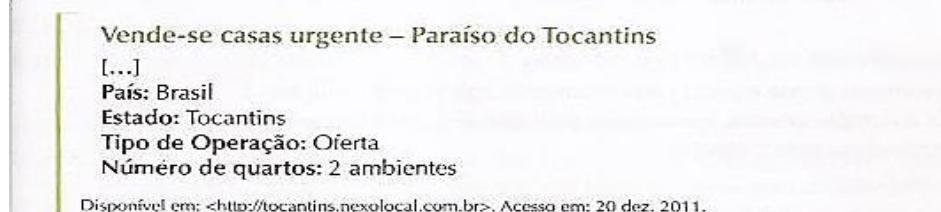


Recorte de Costa *et. al.* (2012, p. 73).

Como expreso no livro, “A tira mostra uma situação de comunicação formal, em virtude da relação hierárquica existente entre o cozinheiro Cuca e o General Dureza” (COSTA et al, 2012, p. 73). Além disso, em ambas as abordagens, é enfatizada a questão da adequação vocabular, exigida em cada contexto de uso da língua.

Direcionamo-nos, então, ao livro do 9º ano. Nesse, a abordagem da variação linguística é realizada em vista de complementar uma outra temática: a concordância verbal. Vejamos, como exemplo, a seguinte proposta exposta pelo livro:

2. Observe o anúncio a seguir, retirado de classificados da internet.



Recorte de Marchetti *et. al.* (2012, p. 159).

Como segue a metodologia da coleção, os autores trazem uma proposta de atividade relacionada a um texto. Neste caso, é feito o seguinte questionamento: *A concordância verbal no título “Vende-se casas urgente” foi feita de acordo com as prescrições da norma padrão? Explique sua resposta* (MARCHETTI, 2012, p. 159). Isso encaminha o aluno a afirmar, ou seguir nessa direção, que a concordância não segue a norma culta, visto que o verbo *vender* deveria flexionar (plural) para se ajustar ao sujeito *casas*, como determina a norma culta padrão.

Após essa e outras propostas, os autores tecem alguns comentários acerca da variedade linguística, argumentando, por exemplo, que “há regras de concordância que mesmo os falantes que dominam a norma-padrão tendem a não aplicar.”, enfatizado o caso anterior de uso da partícula apassivadora *se*, que, na maioria das vezes, não segue o padrão normativo.

Um último caso de variação apresenta nesse livro, ocorre a partir do trecho da cantiga de roda, no qual pede que se *Justifique o uso de uma regência que está em desacordo com as regras da norma-padrão*, como se observa abaixo:



Recorte de Marchetti *et. al.* (2012, p. 159).

Nesse caso, a questão refere-se ao verbo *ir* que, na norma padrão, convoca a preposição “a”. No título e no primeiro verso da cantiga *Fui no Itororó* não é feita a regência de acordo com a exigência da variedade padrão da língua. Os autores argumentam sobre isso que “optar por uma regência própria da **linguagem informal** pode ser uma **estratégia** para aproximar um texto de seu público alvo” (destaques do original). Desse modo, a cantiga registra uma norma distinta da padrão, sendo utilizada em todo o país e por pessoas de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade, registro ausente apenas em situações mais reguladas da língua.

3.2. Coleção do Ensino Médio

No Ensino Médio, analisamos a coleção *Novas palavras*, PNLEM: 2009, 2010, 2011 de Emília Amaral *et. al.* (2005). Em termos gerais, ambos os livros da coleção (1^a, 2^a e 3^a séries) estão divididos em três partes: na primeira, está o conteúdo de “Literatura”, na segunda está o de “Gramática” e na parte final está aquilo que denominaram de “Redação e leitura”, sendo que, nessa última, apresentam uma variedade de textos literários e jornalísticos e propostas de produções textuais, enfatizando principalmente as tipologias *narração*, *descrição* e *dissertação*, divididas nos três livros da coleção.

Com relação à variedade linguística, essa é abordada apenas no primeiro livro da coleção (1ª série), nos demais não há referência ao assunto. No livro que abrange o tema, está localizado na parte da gramática, página 150, no segundo capítulo, denominado “Noções de variação linguística”, título que faz jus ao conteúdo, pois realmente se trata apenas de noções, em vista da superficialidade com que é abordado o assunto. Todavia, há de se destacar assim mesmo a relevância em tal abordagem.

Na pequena introdução da temática, salienta-se que, em um idioma, não há um uso uniforme da língua e que as diversas formas de fala são decorrentes de vários fatores, como *idade, grupo social, sexo, grau de escolaridade etc.*, aos quais determinam a *variação linguística*.

Posteriormente, o livro apresenta as formas de variações que mais se manifestam na língua: *sociocultural, histórica e geográfica*. Centrando-se na variação histórica, a que nos delimitamos a discutir com maior especificidade, a obra apresenta duas imagens de contextos históricos diferentes, contrastando uma com a outra, como segue abaixo:



Recorte de Amaral et. al.(2005, p. 151).

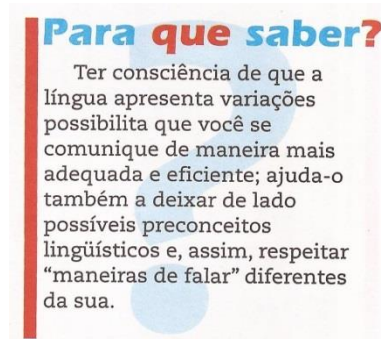
Assim, é a partir das imagens e as mensagens nelas apresentadas que os autores abordam a diacronia da língua do ponto de vista do léxico e da ortografia. Isso porque as ilustrações apresentam palavras e frases de dois contextos históricos do português brasileiros bem distintos: um do final do século XIX e a outra do final do século XX, uma diferença temporal de um pouco mais de um século, mas que evidencia sensíveis transformações.

Logo abaixo das imagens, os autores trazem, resumidamente, as seguintes abordagens: sobre a primeira imagem, os autores abordam as palavras *jogging* e *deletar*, salientando que ambas são vocábulos “emprestados do inglês” e significam “caminhada, corrida leve” e “apagar”, respectivamente que fazem parte constantemente do dia a dia do brasileiro atual. Já em relação a segunda imagem, afirmam:

No anúncio do teatro, você provavelmente estranhou a maneira como estão grafadas algumas palavras, mas era assim mesmo que elas eram escritas naquela época. De lá para cá, a língua, como é natural, mudou. (...) Esses exemplos mostram que a língua não é estática, imutável. Ao contrário, ela se modifica com o passar do tempo e com o uso. Muda a forma de falar, muda as palavras, a grafia e, muitas vezes, o significado da palavra. (AMARAL et. al., 2005, p. 152).

Ficam perceptíveis e facilmente reconhecíveis as marcas de diferenças linguísticas apresentadas nas capas das revistas acima. Isso se expressa não apenas pelo estrangeirismo presente, mas também pela forma como as palavras eram escritas na segunda capa da revista de 1880-1884 (*theatro* com *th* e *empreza* com *z*, por exemplo). Por isso, enxergamos essa proposta como um meio alternativo eficaz de abordar o conteúdo sobre a variação temporal em sala de aula do ensino básico.

Contudo, algo nos chamou muito a atenção, um excerto no início do capítulo, denominado de “Para que saber?” Observe abaixo:



Recorte de Amaral et. al.(2005, p. 150).

Em primeiro lugar, é de se destacar os recursos funcionais do título, bastante atrativos. Mesmo em uma leitura menos atenta, é visível seu apego chamativo “Para que saber?”, induzindo à curiosidade do leitor. E ainda, fazendo uma análise um pouco mais aprofundada, percebe-se que

as cores que ilustram o título (azul claro e vermelho), direcionam-se, além do atrativo semântico, para o visual, em que as cores desencadeiam para uma espécie de trocadilho: *Para (que) saber* (?).

Remetendo à variação histórica, observa-se que, nesse excerto, os autores trazem aí um outro motivo pelo qual se deve ter consciência do processo de variação linguística histórica: *a possibilidade de se comunicar de maneira adequada e eficiente*. Há, ainda, a preocupação em combater o preconceito através dessa consciência do processo diacrônico, ao enfatizar o respeito às diversas manifestações linguísticas, o que corrobora com aquilo que já havíamos discutido anteriormente.

Ainda neste mesmo livro, após a abordagem do assunto, como mostramos acima, são apresentados exercícios sobre o tema em páginas posteriores. Entre outros exercícios, o que se voltava para a variação histórica apresenta a seguinte situação:

2. Leia esta tira humorística:



Adão Iturrusgarai. Aline. Folha de S. Paulo, 31/8/2000.

A que tipo de variação linguística o autor recorre para criar o efeito de humor? Justifique.

Recorte de Amaral *et. al.* (2005, p. 158).

Os autores utilizam o gênero *História em quadrinhos* como encaminhamento para proposta de atividade. Como é característico desse gênero, o texto apresenta um tom humorístico, exatamente ao abordar a questão da variabilidade linguística, o que torna a proposta estimulante, já que pode despertar a curiosidade e o interesse do aluno.

Apesar disso, consideramos a questão “A que tipo de variação linguística o autor recorre para criar o efeito de humor? Justifique” muito delimitada, pouco instigante. Pensamos que, além dessa questão, os autores (e os professores) poderiam explorar mais sobre o sentido do texto, tanto considerando a dimensão do verbal quanto da perspectiva do visual, levando o aluno a identificar o efeito antitético (o personagem mais jovem falando um dialeto mais antigo) e ainda

o sentido hiperbólico (o personagem demonstra ser bem mais velho que aparenta ser, em vista do seu linguajado arcaico).

Concluídas as análises das coleções, podemos perceber que os livros do ensino básico propõem discutir a questão da variação linguística (pelo menos nessas duas coleções). No que se refere à diacronia, ao contrário da coleção para o Ensino Médio, a destinada ao Ensino Fundamental, não aborda diretamente o assunto. Consideramos essa omissão como algo desfavorável a esse período do ensino, visto que é nesse momento que o aluno precisa perceber tais processos de transformação da língua para evitar futuros e possíveis enganos.

Julgamos pertinentes, porém, e de grande relevância as abordagens apresentadas, mesmo sendo limitada a discussão. Tal redução acarreta em mobilizar o texto apenas como pretexto para que o professor adentre em questões fundamentais acerca da diversidade linguística presente em nossa sociedade. Ou seja, fazer com que o aluno perceba essas transformações linguísticas e saiba discerni-las como constitutivas da língua, desenvolvendo sua competência linguística e rejeitando os preconceitos relativos às variedades menos prestigiadas em nossa sociedade.

4 Algumas propostas para o ensino do processo de variação histórica da língua.

A educação básica tem sido fonte de diversas discussões atualmente, exatamente porque o ensino não tem acompanhado o processo de desenvolvimento alcançado pelo homem contemporâneo. As velhas metodologias não têm suprido as necessidades de uma sociedade tecnológica e globalizada, como a que vivemos hoje. Por isso, já algum tempo, pesquisas em diversas áreas do ensino/aprendizagem têm se dedicado a propor demandas que venham a contribuir para uma educação mais efetiva e de melhor qualidade.

No caso específico do ensino de Língua Materna, as discussões se voltam para a questão da competência do sujeito em utilizar efetivamente a língua nas diversas situações comunicativa, algo que não tem sido alcançado nos moldes tradicionais. Por isso, há um esforço por parte dos documentos oficiais que orientam os percursos da educação básica, como os PCN (BRASIL, 1998, 2000), em desconsiderar o ensino de cunho tradicionalista baseado apenas na abordagem normativista e na metalinguagem.

Gostaríamos, neste momento, de apresentar algumas propostas para emprego na sala de aula, no que diz respeito à variação histórica. Estas inspiram-se nos PCN, no sentido “(...) de que as linguagens e os códigos são dinâmicos e situados no espaço e no tempo, com as implicações de caráter histórico, sociológico e antropológico que isso representa.” (BRASIL, 2000, p. 20). Além disso, esses documentos parametrizadores da educação básica enfatizam a importância de um ensino contextualizado, ou seja, abordar o conteúdo no contexto de uso para estimular a autonomia intelectual do educando na vida social (BRASIL, 2000, p. 75).

Neste sentido, nossa proposta visa apresentar ao aluno uma variedade de textos de diferentes contextos históricos, para que o educando perceba as diferenças neles registradas em relação ao português contemporâneo e possa verificar as mudanças ocorridas de uma época a outra e as marcas linguísticas que evidenciam essas modificações. Nesse sentido, vejamos na tirinha abaixo, retirada de um blogue na *internet*, como isso fica perceptível:



Retirado de Henrique *et. al.* (2011)

As charges são, sem dúvida, meios excelentes para abordar a temática sobre variação linguística. Isso porque, além de trazer um contexto verbo-imagético, podem chamar a atenção do aluno pela situação, normalmente, humorizada e de cunho realista.

No entanto, para ilustrar nossa opção, apresentaremos um texto retirado do jornal *A folha* que data de 28 de maio de 1906, ano 1, número 4, que fala sobre a chegada do deputado Simeão Leal na Paraíba vindo da Capital Federal. Nele é possível visualizar, em termos linguísticos, certas dissensões com relação à ortografia atual. O recorte que retiramos desse jornal se presta a exemplificações:



Recorte de jornal A folha 1906.

O jornal completo e outros mais estão disponíveis no site <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>, no formato digitalizado. Neste mesmo arquivo, há uma variedade de pequenas notícias, como a apresentada acima, com uma grande diversidade de materiais que podem ser úteis nesse tipo de análise que propomos e em estudos outros possíveis.

No texto acima, pode se perceber, em termos gerais, a não acentuação de algumas palavras como *numero* e *politicos*, que atualmente recebem acento na sílaba tônica. Contudo o que mais desperta a atenção são as palavras *orgam* e *litteratura* abaixo do nome do jornal (A folha) e *parahibano*, *sahida*, *aglomeração*, *treis*, *especiaes* e *litteralmente* no corpo da notícia. Atualmente, essas palavras no português brasileiro não apresenta essa mesma grafia, passando a ser grafadas como *órgão*, *literatura*, *paraibano*, *saída*, *aglomerado*, *três*, *especiais* e *literalmente*, respectivamente.

Neste sentido, é importante fazer com que o aluno perceba essas alterações, identificando em que ponto isso ocorreu. Para isso, acreditamos que o professor precisa auxiliá-lo de modo a fazer com que ele amplie sua capacidade crítica e reflexiva. Como exemplo de diversificação didática, propomos a seguinte tabela:

Palavra (1906)	Perdeu	Recebeu	Palavra atualmente
----------------	--------	---------	--------------------

<i>Orgam</i>	m	´, ~, o	Órgão
<i>litteratura</i>	l		Literatura
<i>parahibano</i>	h		Paraibano
<i>Sahida</i>	h	´	Saída
<i>agglomeração</i>	g		Aglomerção
<i>Treis</i>	i	^	Três
<i>especiaes</i>	e	i	Especiais
<i>litteralmente</i>	t		Literatura

Tabela representativa das mudanças diacrônicas ocorridas nas palavras elencadas.

Através da tabela, ficam bem perceptíveis as transformações ocorridas nas palavras durante o período pesquisado (um século). Isso ocorre porque o objetivo da tabela é focar exatamente a perda ou o acréscimo nos vocábulos referidos. Além disso, sendo o aluno o elaborador do esquema apresentado (ou outro semelhante), ele perceberá, com isso, tais alterações, o que contribuirá para seu melhor entendimento e, conseqüentemente, maior receptividade. Outra questão que a leitura de um texto dessa natureza pode trazer diz respeito às variações registradas no gênero, no caso, uma notícia, pela adjetivação com que o enunciador apresenta ao político etc., podendo o professor explorar as transformações da língua na própria dimensão textual.

5 Considerações finais

O diálogo que trouxemos aqui objetivou chamar a atenção para as variedades linguísticas, principalmente, aquelas decorrentes de fatores históricos, como sendo constitutivas da língua portuguesa. Neste sentido, trouxemos algumas concepções que entendem a língua com construção social mesclada por variedades dialetais, confrontando-as com ideais que a entende em uma estrutura homogênea e imutável.

Além disso, procuramos perceber, através de análise de livros didáticos, como os autores propõem, para o ensino básico, a questão da variabilidade linguística, em particular, a diacrônica. Percebemos então que as coleções analisadas (Ensino Médio e Fundamental) abordam razoavelmente o assunto aqui proposto e discutido. Contudo, acerca da diacronia, a coleção destinada ao Ensino Fundamental não traz uma discussão direta sobre esse processo de variação

linguística, o que classificamos como algo negativo ao ensino de língua nessa fase da escolarização, em vista da ampliação da competência crítica e reflexiva do discente.

Posteriormente, propomos um encaminhamento para se ensinar a variedade linguística histórica no ensino básico. Nossa sugestão é trazer textos de épocas anteriores e comparar sua linguagem com a atual, desenvolvendo uma tabela comparativa, em que o aluno apontará as diferenças ocorridas, fazendo com que perceba, por exemplo, que alguns dialetos atuais são, na verdade, formas arcaicas do Português.

Por fim, acreditamos que o reconhecimento das variedades linguísticas é fator importantíssimo para quebra do preconceito contra as diversidades existentes atualmente. As disparidades linguísticas no Brasil precisam fazer parte constante dos livros didáticos e nas aulas do ensino básico, para que se formem cidadãos críticos e que saibam reconhecer as diferenciações linguísticas como constitutivas do Português, percebendo que as dissensões históricas da língua propiciam para sua diversidade e pluralidade dialetais, característica constante de uma língua em funcionamento.

Referências

A Folha. *Jornais e folhetins literários da Paraíba do século XIX: produção, circulação e representação em jornais periódicos do século XIX*. Disponível em:

<<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/index.html>>. Acesso em: 15/03/2015.

AGUERO, R. de A. Língua, variação e ensino. *Web-Revista Sociodialeto*: v. 3; n. 9, 2013.

AIUB, G. F. Um breve histórico sobre os estudos da linguagem: (in)definições do objeto a partir de leituras de Saussure. *Revista Inventário*, ago. 2010.

AMARAL, E. [et. al.]. *Novas palavras: língua portuguesa. Ensino Médio, 1ª série*. São Paulo: FTD, 2005.

_____. *Novas palavras: língua portuguesa. Ensino Médio, 2ª série*. São Paulo: FTD, 2005.

_____. *Novas palavras: língua portuguesa. Ensino Médio, 3ª série*. São Paulo: FTD, 2005.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais. 3º./4º. Ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC: SEF, 1998.

_____. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio: língua portuguesa*. Brasília: MEC: SEF, 2000.

CORDEIRO, M. S. L.; MELO, C. T. de. *Diversidade linguística no ensino de língua portuguesa na educação do campo*. Campina Grande: REALIZE Editora, 2012.

COSTA, Cibele Lopresti [et. al.]. *Português: ensino fundamental 6º Ano*. São Paulo: Edições SM, 2012. (Coleção: Para viver juntos)

_____. *Português: Ensino fundamental 7º Ano*. São Paulo: Edições SM, 2012. (Coleção: Para viver juntos)

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

HENRIQUE, B. et al. *Fronteiras linguísticas: "além do preconceito"* (blogue). 2011. Disponível em: <<http://fronteiraslinguisticas.blogspot.com.br/2011/04/exemplo-de-variacao-historica.html>>. Acesso em: 15/03/2015.

MARCHETTI, G.; STRECKER, H.; CLETO, M. *Português: ensino fundamental 9º Ano*. São Paulo: Edições SM, 2012. (Coleção: Para viver juntos)

PAGLIARO, Antonino. O valor da gramática. In: BECHARA, Evanildo (Org.). *Estudo da língua portuguesa: textos de apoio*. Brasília: FUNAG, 2010.

PENTEADO, A. E. da A. [et. al.]. *Português: ensino fundamental 8º Ano*. São Paulo: Edições SM, 2012. (Coleção: Para viver juntos)

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TOCANTINS. *Projeto pedagógico do curso de Letras: habilitações língua portuguesa e respectivas literaturas; língua inglesa e respectivas literaturas*. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2009.